

O CONTATO NA FRONTEIRA: REVELANDO CONEXÕES ENTRE FREUD, SKINNER E ROGERS

Jean Costa Santana¹
Wilquerson Felizardo Sandes²
Regina Fátima de Moura Câmara³
Sergio Carpeggiane Ferraz Filho⁴
Arabela Maria Barbosa Sampaio⁵

RESUMO

Este artigo desafia as “fronteiras proibidas” entre Psicanálise, Behaviorismo e Humanismo, explorando as possibilidades de um diálogo interdisciplinar muitas vezes é evitado no meio acadêmico. Sendo assim, tem como esforço compreender consensos e divergências entre Freud, Skinner e Rogers. Estruturamos o estudo em três partes: a) numa revisão bibliográfica sobre definições científicas; b) na leitura analítica para identificar e compreender conceitos centrais, objetos de estudo e métodos investigativos em Sigmund Freud, Burrhus Frederic Skinner e Carl Rogers); c) num quadro de referência envolvendo as dimensões analíticas das três correntes estudadas. Como resultado desta investigação, foi possível perceber que, apesar das diferenças epistemológicas entre as abordagens, há um diálogo entre elas, pois, sobretudo, prevalece o estudo da psicologia humana.

Palavras-chave: Psicologia; Psicanálise; Behaviorismo; Humanismo; Interdisciplinaridade.

CONTACT AT THE BORDER: REVEALING CONNECTIONS BETWEEN FREUD, SKINNER AND ROGERS

ABSTRACT

This article challenges the “forbidden boundaries” between Psychoanalysis, Behaviorism and Humanism, exploring the possibilities of an interdisciplinary dialogue that is often avoided in academia. Therefore, it seeks to understand consensus and divergences between Freud, Skinner and Rogers. We structured the study in three parts: a) a bibliographic review of scientific definitions; b) an analytical reading to identify and understand central concepts, objects of study and investigative methods in Sigmund Freud, Burrhus Frederic Skinner and Carl Rogers); c) a reference framework involving the analytical dimensions of the three currents studied. As a result of this investigation, it was possible to perceive that, despite the epistemological differences between the approaches, there is a dialogue between them, since, above all, the study of human psychology prevails.

Keywords: Psychology; Psychoanalysis; Behaviorism; Humanism; Interdisciplinarity.

Recebido em 10 de dezembro de 2024. Aprovado em 29 de dezembro de 2024

¹ Mestre em Psicologia, docente do curso de Psicologia no Centro Universitário UniAraguaia. E-mail: jeansantanaprof@outlook.com

² Psicologia - Centro Universitário UniAraguaia. E-mail: wilquerson.sandes@estudante.uniaraquuaia.edu.br

³ Psicanalista; discente do curso de Psicologia no Centro Universitário UniAraguaia. E-mail: regina.fatima@estudante.uniaraquuaia.edu.br

⁴ Psicologia - Centro Universitário UniAraguaia. E-mail: sergio.carpeggiane@estudante.uniaraquuaia.edu.br

⁵ Psicanalista; Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário UniAraguaia. E-mail: arabela.maria@estudante.uniaraquuaia.edu.br

INTRODUÇÃO

Contextualização

Este trabalho foi elaborado a partir de estudos dirigidos e aulas ministradas durante o curso de graduação em Psicologia da UniAraguaia, em Goiânia. Sobre o curso de psicologia, normalmente são exploradas três grandes correntes de estudo na matriz curricular: a psicanálise de Freud (estudo psíquico); o behaviorismo de Skinner (estudo do comportamento) e humanismo de Rogers (estudo da pessoa). Tais abordagens, apesar de clássicas, pouco dialogam entre si, levando cada profissional a enfatizar sua abordagem específica sem diálogo ou ponto de conversão epistemológico.

E, no meio acadêmico, transitar de forma interdisciplinar entre tais teorias, pode ser visto, por alguns, como algo perigoso que desafia regras metodológicas próprias de cada área da psicologia.

Dessa forma, o/a graduando/a em psicologia, na fase inicial, entre diálogos informais com colegas e aprendizado formal em sala de aula, se depara com um dilema curricular à construção de sua identidade profissional: a relação controversa entre as três correntes teóricas citadas, seja pelos conceitos, objetos de estudo ou métodos científicos adotados. Surgem, assim, indagações como: qual corrente teórica devo seguir? Por que prefiro essa ou aquela corrente? Tenho que escolher uma ou posso integrá-las? Quais as limitações de cada método?

No ambiente acadêmico, pode ser inquietante perceber uma certa “proibição” no trânsito interdisciplinar entre fronteiras teóricas citadas, o que instigou, portanto, a seguinte problematização: quais os consensos e controvérsias entre os conceitos, objetos de estudo e métodos de trabalho da Psicanálise, do Behaviorismo e do Humanismo?

No estudo da psicologia, é um desafio explorar as limitações e potencialidades de cada corrente dentro de uma perspectiva interdisciplinar e integradora. Não é nossa pretensão sugerir uma ou outra teoria ao leitor, mas sim identificar um fio lógico com contribuições significativas e limitações de cada corrente, pois, no centro de tudo o que envolve a psicoterapia, está o ser humano.

METODOLOGIA

Primeiro, revisão bibliográfica sobre definições científicas e conceituais de estudo, método de investigação científica e interdisciplinaridade. Segundo, leitura textual para identificar e compreender os conceitos centrais, objeto de estudo e métodos de investigação científicas adotadas por cada autor conforme:

- Freud e a teoria psicanalítica;
- Skinner e a ciência do comportamento;
- Rogers e a psicoterapia centrada na pessoa.

Por último, apresentaremos um quadro de referência, tendo como proposta compreensiva, a síntese inicial da pesquisa, envolvendo, assim, as diversas correntes estudadas.

MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Conceituação

Envolvendo um conjunto de procedimentos que fundamentam os saberes científicos, a metodologia busca alcançar um resultado aceitável, observar e registrar determinados eventos, traduzindo-os em conhecimentos teóricos, conceitos, princípios e fenômenos.

Seguindo esse caminho, a partir de um contexto marcado pela tensão entre objetividade e subjetividade na pesquisa acadêmica, Freud, Skinner e Rogers desenvolveram suas teorias. Àquela época, o rigor científico predominante amparava-se no positivismo de Auguste Comte, que descartava qualquer saber baseado em subjetividade, metafísica ou religião. Portanto, a explicação científica deveria ser quantitativa, experimental e observacional, como ocorre no campo das ciências naturais (física, química, biologia, dentre outras).

Atualmente, a ciência é diversificada e interdisciplinar, com uso de metodologias envolvendo objetividade e subjetividade, como nas pesquisas com metodologia mista, por exemplo. Nas ciências humanas e sociais são utilizadas estratégias de pesquisa qualitativa que envolvem: estudo comparativo, estudo de caso, etnografia, observação participante, pesquisa-ação, dentre outras. As ciências exatas também são consideradas úteis em análises quantitativas.

Conforme Dogan (1986), ninguém possui um conhecimento exaustivo de uma disciplina em sua totalidade, é impraticável a visão compartimentada em um ambiente de complexidade. Daí as consequências do confinamento monodisciplinar, que Dogan evidencia como “uma disciplina fechada em si mesma, se ela não é suficientemente aberta, se suas especialidades não se hibridam, ela não progride [...]” (1986, p. 108).

Para analisar as abordagens teóricas de Freud, Skinner e Rogers, adotamos a concepção de ciência de Popper (2008), que entende que a investigação científica se desenvolve por um método hipotético-dedutivo. A partir de um problema se formula uma hipótese dedutiva que será testada. Envolve: problematizar – criar uma hipótese explicativa – testar por experimento e observações – refutar ou aceitar.

Nessa direção, o problema é uma questão que se deseja explorar e a hipótese é uma resposta provisória à pergunta, sendo, posteriormente, confirmada ou refutada. Sobre a refutabilidade, seria necessário a demarcação de um problema em que sua hipótese seja testada e observada. Popper cita que “o critério que define o status científico de uma teoria é sua capacidade de ser refutada ou testada” (p. 5).

AS TRÊS FORÇAS TEÓRICAS DA PSICOLOGIA: FREUD, SKINNER E ROGERS

Psicologia Psicanalítica De Freud: o objeto e o problema-hipótese na abordagem de Freud

O método freudiano, bem como o objeto e a problemática na sua abordagem, afastam-se de um parecer pragmático, uma vez que reivindicam os postulados para uma verdade científica unilateral e arbitrária à luz do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais).

Desta forma, a psicanálise teria como objeto o inconsciente, bem como a análise sobre os processos psíquicos que fazem efeito na vida do sujeito (Freud, 1900/1996). O problema, por sua vez, estaria na demanda, nas exigências do superego social; na tentativa de elaboração das faltas, nas angústias, nos entraves que causam sintomas pela condescendência ao desejo, ou por sua renúncia (Freud, 1915/1996).

O presente trabalho não se propõe a apresentar as premissas de Freud como máximas universais, mas elucidar conceitos a partir da perspectiva psicanalítica vivenciada na clínica. E tenta, sobretudo, responder algumas problemáticas mostrando um panorama diferente sobre fenômenos do inconsciente humano.

Sabe-se que o estudo sobre a psicanálise não retira, nem tampouco substitui, a necessidade de um olhar mais preciso e aprofundado sobre as obras completas de Freud, que

encontram-se de livre acesso em domínio público. Este trabalho, em especial, tomará a explicação sobre os tópicos de Freud a partir da leitura das obras da editora Imago, de 1996.

Nesta conjuntura, também vale lembrar que além das diferentes traduções, a psicanálise em seu percurso histórico também teve desdobramentos em relação ao modo de ler, interpretar e construir os conceitos na prática, para além, apenas, da clínica *stricto sensu*. Assim sendo, diversos pós-Freudianos apresentaram modos diferentes de apropriar-se da psicanálise em suas linhas teórico-práticas.

Nesta direção, figuras como Donald Winnicott; Erich Fromm; Wilhelm Reich, indo além da prática convencional pautada na associação livre e na escuta flutuante do analista, avançaram com a prática psicanalítica. A teoria aparece, então, para analisar o fenômeno biopsíquico relacionado às questões psicossociais.

Também subvertendo a psicanálise ortodoxa, Lacan suscita um modo peculiar de fazer psicanálise, sua teoria sobre o amor advindo da falta, propõe a linguagem como representação do inconsciente. Em suma, um inconsciente estruturado pela e na linguagem constante com o outro.

Método científico psicanalítico

Nesta perspectiva, se podemos estabelecer alguma zona de confluência entre as teorias aqui apresentadas, poderíamos supor a psicanálise de Freud propriamente dita (para além do que defendem seus contemporâneos), em uma abordagem de construção epistemologicamente estruturalista e pragmática, visto que em início, para elaboração das suas tópicas, Freud trilhou justamente pelos mesmos caminhos de Skinner, tentando relacionar as operações inconscientes ao organismo, buscando, sobretudo, na biologia, condições de validar a sua tese acerca do aparelho psíquico. Poderíamos dizer, então, que a psicanálise genuinamente freudiana aproximou-se, de certo modo, do biológico behaviorista. Tal construção, via de regra, aparece na obra: *Os Instintos e Suas Vicissitudes* (1915/1996), Freud enveredou-se neste estruturalismo topológico, na tentativa de iniciar e buscar condições de defender sua teoria das pulsões.

Assim sendo, Freud prosseguiu com seus estudos na tentativa de entender e corroborar com o tratamento de pacientes histéricas. Deste modo, iniciou com a hipnose pautada na técnica da sugestão de Charcot, seguindo com a catarse de Breuer; na tentativa de fazer emergir em pacientes histéricas, o conteúdo reprimido em seu inconsciente, que por sua vez, estaria ali, a gênese do sintoma.

Entretanto, Freud, ao tratar pacientes histéricas, percebeu que a técnica da sugestão não se sustentava. Visto que mesmo o médico a impelindo bruscamente, muitas vezes o resultado da cura era momentânea, então, logo retroagia os sintomas. E foi por isso, em relação ao método catártico (retorno pela via da regressão à cena traumática), que Freud, principalmente estudando o caso da “Anna O”, percebeu que a regressão pela via da hipnose muitas vezes era ineficaz. Freud notou que era algo recorrente a retomado dos sintomas. A expectativa da cura aparece como qualquer outro ideal, como processo para alcançar uma meta. O percurso não aparece de modo linear, tendo assim, altos e baixos, retroação (retomada aos hábitos negativos e/ou aos sintomas), desvios e resistências; até que haja o recalque (incorporação da lei, da demanda, da imposição do meio – perspectiva psicanalítica).

O ideal de cura talvez seja o ponto mais importante a ser discutido nas abordagens. No entanto, mesmo com as divergências teóricas, todas convergem ao mesmo ponto: o crescimento individual e a superação dos sintomas. Todavia, a cura muitas vezes mostra-se provisória, valendo-se até o instante em que o paciente se esbarra novamente com a experiência traumática, com seus complexos (os significantes lacanianos; as pulsões freudianas, os gatilhos da TCC), que, por sua vez, o remetem à retomada do sintoma, do hábito negativo; em um processo cíclico

de compulsão à repetição, termo este, trabalhado por Freud em Além do Princípio do Prazer (1920).

Haja vista, podemos assim comentar um pouco acerca dos conceitos citados, tentando estabelecer elos entre as abordagens. A psicanálise, por exemplo, aproximaria do que se propõe o método da TCC e em alguns momentos da Gestalt, quando respectivamente trata do paciente; e quando conduz a sessão e o discurso do paciente, convocando-o ao agora, presentificando-o. Todavia, para a psicanálise a sugestão está vinculada à demanda, ou seja, aos clamores, às questões e às exigências do meio.

Poderíamos supor a psicanálise, então, como não invasiva, já que não apropria-se da sugestão, atribui possibilidades e, de repente, até, de um modo mais raso, não cede receitas para obtenção de resultados. A psicanálise em si não se baseia em meios para aquisição de fins, mas constrói pela via da transferência condições do paciente decidir-se e estar ciente da sua condição, dos efeitos, da condescendência ou renúncia do seu desejo, sofrimentos e causas.

Em uma análise mais abrangente sobre as abordagens citadas, a psicanálise vai de encontro às imposições do meio, porque ela trabalha com o objeto, com o desejo do paciente (analísante) e entende o sofrimento advindo dos imperativos da civilização. Tal perspectiva aparece na obra: O Mal Estar na Civilização (1930 [1929]), cujo Freud imputa o sofrimento do Eu às demandas da civilização ao estabelecer leis e regras que reprimem as pulsões do EGO (Eu). E tais repressões, conseqüentemente, retornam-se em sintomas. O que para psicanálise entende-se como o retorno do conteúdo recalcado (pulsão reprimida que emerge em sintoma).

PSICOLOGIA BEHAVIORISTA DE SKINNER

Esta análise é referente a leitura/releitura da obra clássica do renomado psicólogo americano Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), com o título: Ciência e comportamento humano, 11^ª edição (2003). Como recorte, destaca-se apenas a parte inicial da obra sobre a metodologia científica adotada por Skinner no campo das ciências naturais utilizando métodos de observação e experimentação na relação funcional entre “causa e efeito” para análise do comportamento humano.

Este estudo delimita-se no período da publicação e na abordagem metodológica do autor. O recorte não acompanha a evolução do pensamento do autor ao longo do tempo, permanecendo apenas na obra descrita. Também não adentra nos temas e resultados dos estudos de Skinner, como comportamento operante, relação estímulo e resposta. Nosso propósito é apenas revelar a metodologia do autor.

O objeto e o problema-hipótese na abordagem de Skinner

Skinner enfoca seus estudos sobre o fazer uma ciência do comportamento e os desafios metodológicos no estudo das relações observáveis entre “causa e efeito” do comportamento, com o emprego de metodologias experimentais típicas das ciências naturais. Ele argumenta e refuta qualquer tipo de explicação subjetiva de processos mentais pelo uso de processos introspectivos. Portanto, o objeto de estudo de Skinner é o comportamento humano.

Durante a reflexão sobre o texto, foi possível identificar o problema-hipótese. A tese central do autor, sobre a ciência do comportamento, envolve uma problematização e uma hipótese de estudo:

Estamos interessados, então, nas causas do comportamento humano. Queremos saber por que os homens se comportam da maneira como fazem [problematização]. Qualquer condição ou evento que tenha algum efeito demonstrável sobre o comportamento deve ser considerado. Descobrir e analisando estas causas

podemos prever o comportamento; podemos controlar o comportamento na medida que o possamos manipular [hipótese] (Skinner, 2003, p.24).

Na relação entre problematização e hipótese sobre o estudo do comportamento humano, Skinner apresenta um problema que envolve como compreender como as pessoas comportam, e arrisca a hipótese que é possível abrir e explicar a “caixa-preta” do comportamento, mas que além de explicá-lo, é possível prever o comportamento, inclusive manipulá-lo, considerando na relação funcional “causa e efeito”, pois o efeito pode ser previsível a partir da identificação das causas.

Porém, Skinner alerta o leitor que previsão ocorre até certo ponto, logo não é uma teoria absoluta, vejamos: “Devemos esperar descobrir que o que o homem faz é o resultado de condições que podem ser especificadas e que, uma vez determinadas, podemos antecipar e até certo ponto determinar as ações” (2003, p. 7, grifos do autor).

Método científico no estudo do comportamento

Skinner, enquanto método científico, defende a abordagem objetiva das ciências naturais, com a experimentação e variáveis manipuláveis para explicar um episódio de comportamento. No campo dos assuntos humanos, prescreve que o comportamento, enquanto objeto de estudo controlado, deve ser um evento observável, ordenado e determinado em uma relação funcional de “causa e efeito”. Vejamos:

As variáveis externas, das quais o comportamento é função, dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou funcional. Tentamos prever e controlar o comportamento de um organismo individual. Esta é a nossa variável dependente – o efeito para qual procuramos a causa. Nossas variáveis independentes – as causas do comportamento – são as condições externas das quais o comportamento é função. Relações entre as duas – as relações de causa e efeito no comportamento – são as leis de uma ciência. Uma síntese destas leis expressa em termos quantitativos desenha um esboço inteligente do organismo como um sistema que se comporta. (Skinner, 2003, p. 38).

Skinner (2003) refuta qualquer análise interpretativa envolvendo subjetividade e prescreve a explicação objetiva e individual para estudar a relação funcional entre causa e efeito do comportamento.

As preferências metodológicas de Skinner são experimentais, como: observação clínica, métodos experimentais realizados em pesquisa industriais e militares, estudo em laboratórios de comportamento humano, estudo em laboratórios de comportamento animal. Enquanto metodologia principal, o autor enfocou no estudo de comportamento de animais em situações que envolvem princípios básicos, com a ideia de observar os processos simples aos complexos. Vejamos:

“Estudamos o comportamento de animais porque é mais simples. Os processos básicos descobrem-se mais facilmente e podem ser registrados durante períodos de tempo mais longos. Nossas observações não são prejudicadas pela ação social entre sujeito e experimentador. As condições podem ser mais bem controladas. É possível dispor de história genéticas para controlar certas variáveis, e histórias de vida especiais para controlar outras – por exemplo, se estivermos interessados em como um organismo pode aprender a ver, o animal pode ser mantido até que o experimento comece [...] estas vantagens não podem ser esquecidas em favor de afirmações apriorísticas de que o comportamento humano estaria inevitavelmente colocado em um campo separado. (Skinner, 2003, p. 41).

Portanto, o autor valoriza métodos experimentais para o estudo do comportamento e reconhece, em momentos específicos, a relevância interdisciplinar sobre abordagens qualitativas e quantitativas para análises mais amplas. Porém acredita que rigor científico do método experimental reduz o risco de viés na observação e na atuação do observador.

Quanto ao rigor científico do método experimental, o autor assume certas limitações do observador, misturando-se ao objeto dentro da própria observação. Uma ilustração feita por Skinner: “quando se mostrou ao leão [...] uma pintura na qual um homem matava um leão, ele [leão] comentou desdenhosamente: o artista era obviamente um homem” (2003, p. 8).

Na interação entre observador e algo observado, Skinner (2003) entende que o comportamento, em condições laboratoriais (ambiente controlado), pode ser observado com mínima interação entre o objeto e o cientista. Também é possível simular aplicações práticas dos comportamentos e controles que ocorrem no cotidiano envolvendo indivíduos, instituições e relações sociais.

PSICOLOGIA HUMANISTA DE ROGERS

Sobre este estudo, mediado pela Teoria Baseada no Cliente de Carl Rogers, iniciamos com a compreensão de aspectos da obra *Torna-se pessoa*, do psicólogo americano Carl Rogers, que trabalhou por mais de 33 anos como psicoterapeuta. Este, se coloca na obra com autenticidade e narra sua própria subjetividade (*self*), experiências clínicas e trajetória pessoal. Em um movimento de permanente aprendizado, resgatou o pensamento introspectivo e as abordagens filosóficas nas relações psicoterapêuticas. No início da obra, o autor responde e convida o leitor para refletir sobre como as pessoas se tornam quem são. Vejamos:

[...] fui convidado a apresentar à classe mais graduada da Universidade de Brandeis não minhas ideias sobre a psicoterapia, mas a mim mesmo. Como é que eu tinha chegado ao que penso hoje? Como me tornei a pessoa que sou? Achei a este convite extraordinariamente estimulante e procurei corresponder a ele [...] as pessoas desejam ansiosamente conhecer algo da pessoa que lhes fala ou que lhes ensina. (Rogers, 2009, p. 3)

O ponto de virada na trajetória profissional de Rogers (2009), como psicólogo clínico, ocorreu em Rochester, onde ele trabalhou nos primeiros oito anos de profissão, realizando diagnósticos e tratamento de casos envolvendo crianças encaminhadas pelos tribunais e serviços sociais. O método de tratamento inicial centrava na autoridade (saber) do psicólogo, ao realizar diagnósticos com perguntas exploratórias, e, posteriormente, formular hipóteses sobre os problemas dos clientes.

Porém, após alguns casos com interpretações mal sucedidas, o autor questionou a eficácia terapêutica em uma relação de autoridade-cliente. Diante disso, Rogers decidiu por experimentar uma nova metodologia terapêutica centrada na pessoa, “[...] para fazer algo mais do que demonstrar minha própria clarividência e sabedoria, o melhor era deixar ao cliente a direção do movimento no processo terapêutico.” (Rogers, 2009, p.13)

Em uma perspectiva da filosofia humanista, o autor inovou com o método psicoterapêutico denominado *Client-Centered Therapy* (Terapia Baseada no Cliente). O conceito central desse método enfatiza uma relação colaborativa do tipo facilitador-cliente e a perspectiva psicoterapêutica é pautada por três condições essenciais na atitude do facilitador: aceitação incondicional, escuta empática e congruência (sinceridade). O propósito envolve criar um ambiente de mútua confiança e livre de julgamentos, onde o cliente se sinta plenamente aceito e protagonize o seu próprio processo terapêutico, atualizando sua autoimagem e ressignificando potencialidades internas em direção à autorrealização pessoal.

A Teoria Baseada no Cliente contempla três dimensões: aceitação positiva incondicional, empatia e congruência. Vejamos uma síntese do pensamento de Rogers:

A relação que considero útil é caracterizada por um tipo de transparência de minha parte, onde meus sentimentos reais se mostram evidentes; por uma aceitação desta outra pessoa separada com valor por seu próprio mérito; e por uma compreensão empática profunda que me possibilita ver o mundo particular através de seus olhos. Quando essas condições são alcançadas, torno-me uma companhia para o meu cliente, acompanhando-o nessa busca assustadora de si mesmo, onde ele agora se sente livre para ingressar (p.35).

O objeto e o problema-hipótese na abordagem de Rogers

O estudo de Rogers tem como objeto a mudança da personalidade rumo a autorrealização. Rogers (2009), no início da carreira, problematizou sobre como a psicoterapia poderia tratar, curar, ou mudar essa pessoa. Com a maturidade profissional, desenvolveu um novo problema para suas pesquisas relacionadas ao processo psicoterapêutico: “Como posso proporcionar uma relação que essa pessoa [cliente] possa utilizar para o seu próprio crescimento pessoal?” (Rogers, 2009, p.36).

Quanto ao problema, Rogers (2009) formulou a seguinte hipótese:

Não se pode oferecer ajuda a esta pessoa perturbada por meio de qualquer procedimento intelectual ou treinamento [...] o fracasso de quaisquer destas abordagens através do intelecto me forçou a reconhecer que a mudança pode surgir por meio da experiência na relação [...] posso enunciar a hipótese geral em uma sentença, como se segue: se posso proporcionar um tipo de relação, a outra pessoa descobrirá dentro de si a capacidade de utilizar esta relação para crescer, e mudança e desenvolvimento pessoal ocorrerão (p.37).

Método científico no estudo humanista

Rogers adota uma investigação científica com ênfase na subjetividade e compreensão de fenômenos complexos. Dentre as estratégias de pesquisa, utiliza-se estudos de caso e a própria observação participativa, estando imerso no processo de pesquisa. Na visão do autor, o processo de psicoterapia envolve muitas nuances que escapam da ciência objetiva e experimental, com fenômenos de difícil medição, tais como relações interpessoais e intrapessoais.

Enquanto método circunscrito pela subjetividade humana, Rogers adotou uma abordagem existencial e fenomenológica, vejamos:

A vida é orientada por uma compreensão e por uma interpretação variável da minha experiência. A vida é sempre um processo de devir [...] penso que é possível agora ver claramente por que razão não existe filosofia, crença ou princípios que eu possa encorajar ou persuadir os outros a terem ou alcançarem. Não posso fazer mais do que tentar viver segundo minha própria interpretação da presente significação de minha experiência e tentar dar aos outros a permissão e a liberdade de desenvolverem a sua própria liberdade interior para que possam atingir uma interpretação significativa da própria experiência (p.32) [...] o indivíduo traz dentro de si a capacidade e a tendência, latente se não evidente, para caminhar rumo à maturidade. Em um clima psicológico adequado, essa tendência é liberada, tornando o real ao invés de potencial [...] isso revela a tendência para organizar sua personalidade e a sua relação com a vida (Rogers, 2009, p.40)

O autor, ao abordar a Terapia Centrada do Cliente, estabeleceu três leis, mas reconheceu que não eram literais ao conceito científico. São elas:

- Primeira Lei: a aceitação do cliente pelo terapeuta conduz a uma maior aceitação de si próprio por parte do cliente.
- Segunda Lei: quando mais o terapeuta percebe o cliente como uma pessoa e não como um objeto, tanto mais o cliente se apreende a si mesmo como pessoa e não como objeto.
- Terceira Lei: Ao longo do tratamento terapêutico, dá-se ao cliente um tipo de descoberta de si vívida e eficaz.

Sobre tais leis, o autor apresentou frágil testagem ao utilizar de grupos de controle via técnica denominada “abordagem vivencial”, mas torna-se pouco congruente no texto, pois Rogers refuta em parte o método científico objetivo. Vejamos:

Os terapeutas reconhecem, habitualmente por intuição, que qualquer progresso na terapia, qualquer novo conhecimento nesse campo, quaisquer hipóteses significativas, derivam da experiência dos terapeutas e dos clientes, e nunca pode vir da ciência [...] a ciência nada tem a dizer sobre experiência pessoal interior que o “eu” tenha na terapia. A ciência unicamente pode falar dos acontecimentos que ocorreram no “ele” (Rogers, 2009, p. 242).

Na percepção do autor, é necessário integrar objetividade e subjetividade na pesquisa, pois a própria objetividade deriva da escolha subjetiva do pesquisador. Para Rogers, “o objetivo da ciência consiste na busca objetiva de uma meta que foi subjetivamente escolhida por uma ou várias pessoas” (2009, p.460).

RESULTADOS

Encontro Entre Skinner E Rogers (1956)

Neste estudo, foi realizado um esforço para encontrar diálogos reais entre os autores. Na obra de Rogers, “Torna-se Pessoa”, consta uma citação sobre um evento ocorrido na década de 50 entre Rogers e Skinner. O convite foi feito por Skinner para promover um debate amistoso com Rogers sobre as diferentes teorias. Segue a citação de Rogers:

No final de 1955, o professor B. F. Skinner, de Harvard, me convidou para participar em um debate amistoso com ele na convenção da Associação Psicológica Americana no outono de 1956. Ele sabia que eu sustentava opiniões divergentes quanto ao uso do conhecimento científico para moldar ou controlar o comportamento humano, e sugeri que um debate seria útil para esclarecer a questão [...] Concordava com ele no sentido de que essa discussão seria a um útil propósito ao instigar interesse em torno de uma questão importante. realizamos o debate em setembro de 1956. Essa atraiu uma audiência numerosa e atenta [...] (2009, p. 421, Tradução nossa)

Foi realizada uma busca sobre registro histórico do encontro, sendo localizado na Revista Science . As considerações relatadas a seguir, advém do entendimento da tradução textual das(os) autoras(es) do artigo “*Some Issues Concerning the Control of Human Behavior: A Symposium*”- (Algumas questões preocupantes sobre o controle do comportamento humano: um simpósio). Foram proferidas na reunião anual da *American Psychological Association*, realizada em 1956, Chicago. Faz-se fundamental esta apresentação, pontuando alguns de seus pensamentos de convergência e de divergência durante o simpósio, no que diz respeito ao controle do comportamento humano.

Inicialmente Skinner faz suas considerações a respeito da ciência do comportamento. Relata que podemos aumentar o poder de influenciar, mudar, moldar e controlar o comportamento humano. Refere que Rogers lista exemplos que mostram o controle de um simples organismo. Mas estes são mostrados em experimentos inacessíveis com variáveis que

podem ser diretamente manipulados, sendo essa uma visão tradicional. E que os psicólogos frequentemente não têm consciência de quão longe eles estão desse direcionamento. Mas, as mudanças não são passadas despercebidas.

Skinner continua seu discurso dizendo que somente agora recentemente foi customizado, legalmente para a ciência, negar a possibilidade de uma ciência rigorosa do comportamento é impossível, usando o argumento, que o homem é um ser livre ou que previsões meramente estatísticas, poderiam dar lugar para a liberdade pessoal.

No entanto, o controle do comportamento humano sempre foi desconhecido e sempre causa reações emocionais. Nós mesmos, que estamos engajados, hesitamos em admitir, e nós talvez recusemos a controlar, mesmo quando isso ajudaria, só por medo de críticas. Aqueles que declararam explicitamente interesse no controle foram tratados de maneira rude pela história. As pessoas dominadas pela filosofia humanista não conseguem concordar com a frase prudente de Andrew Hacker- “o espectro do homem previsível”.

O segundo ponto em que Skinner discorre é sobre a não preocupação se sua ciência irá afetar a política e a economia, mesmo trazendo consequências psicológicas prejudiciais. Completa que, nós homens inteligentes e expoentes do ocidente, pensamos e compartilhamos essas atitudes.

Skinner deu exemplos em três áreas do comportamento que podem ser gravemente influenciadas: o controle pessoal, de pessoa para pessoa, relacionamento familiar, amigos, grupos de trabalhos e sociais. Segunda, a educação e o governo, é real os perigos inerentes do controle do comportamento.

Roger concorda que a ciência tem um potencial de poder que permite a previsão e controle do comportamento, talvez pode ser mal utilizado com possibilidades de ser mal utilizado causando ameaças. Consequentemente Roger e Skinner concordam que a questão toda do controle do comportamento humano é o que importa.

Começa explanando com os pontos de concordância com Skinner, sobre os avanços que tem alcançado a ciência do comportamento e a sua capacidade de prever o controle. Negar que o comportamento do homem não pode ser um campo da ciência, seria irrealista, e que isso não é uma questão, reconhecendo que muitos homens inteligentes continuam tendo uma forte visão de que os homens são livres para agir em alguma medida. Sendo o conhecimento científico do comportamento pode tornar-se a base das previsões de comportamentos futuros.

Cita Reinhold Niebuhr, o famoso teólogo, que despreza o conceito de psicologia como uma ciência do comportamento do homem, uma vez que em qualquer caso, nenhuma pesquisa científica do comportamento passado pode fundamentar-se em previsões de comportamento futuro.

Cita Robert Oppenheimer, físico teórico estadunidense, para quem o problema é que os psicólogos irão expor para a sociedade que eles crescerão com suas habilidades comportamentais controladas. Sendo isso muito mais grave do que os problemas apresentados aos médicos em saber controlar suas reações. Sustenta ainda que tem certeza que no geral os psicólogos reconhecem isso. Mas tem a impressão de que grande parte dos psicólogos tem uma visão laissez-faire (deixa acontecer), e ressalta que nem ele e nem Skinner têm esse tipo de visão.

Após Roger falar dos pontos básicos e consensuais, inicia a expor suas divergências, e faz uma pergunta se existem questões divergentes? Ele acredita que elas são: quem seria controlado? Quem exerceria o controle? Que tipo de controle seria exercido? O mais importante de todos, qual o direcionamento final ou qual o propósito, ou perseguir quais valores e quais controles seriam exercidos? São questões ambíguas, mal-entendidas e com provável diferença. Essas diferenças existem entre os psicólogos e o público em geral daqui e de outras culturas.

Para Roger há uma questão, e pergunta se há alguma falha no jeito de ver o controle do comportamento humano? Ele diz acreditar que sim, e que de fato o único elemento nessa

descrição que encontrou na sua própria concordância. Parece controverso, mas acredita que a ciência é um excelente método de descobrir a forma de alcançar nossas metas. Para além disso, sente-se muitas diferenças.

Roger diz que Skinner subestimou o problema do poder. Esperar que o poder disponibilizado pela ciência do comportamento seja exercitado pelos cientistas, ou por um grupo benevolente. Parece, para ele, uma esperança que tenha pouca sustentação, tanto recentemente como na história distante.

Se cientistas do comportamento se preocuparem somente com o avanço da ciência deles, isso parece mais provável que eles irão servir a um propósito individual qualquer ou para um grupo que tenha o poder. Mas a maior falha, percebida, foi o controle científico do comportamento humano, na relação proposta, ou ela foi subestimada grosseiramente, ou foi negada a finalidade, objetivos e valores da sua relação com a ciência.

QUADRO DE REFERÊNCIA - DISCUSSÕES E RESULTADOS SOBRE CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS ENTRE AS CORRENTES

	Freud (1856 - 1939)	Skinner (1904 - 1990)	Rogers (1902 - 1987)
Objeto	Inconsciente e processos psíquicos	Comportamento observável	Mudança da personalidade rumo à autorrealização
Problema	Demandas do superego social e elaboração das faltas e angústias	Compreender as causas do comportamento humano	Proporcionar uma relação que o cliente possa utilizar para seu crescimento
Hipótese	Análise dos processos inconscientes pode explicar sintomas e comportamentos	É possível prever e controlar o comportamento humano através da manipulação das causas	A mudança pode surgir por meio da experiência na relação terapêutica
Método de Investigação Científica	Análise clínica e interpretação dos sonhos	Experimentação e observação em condições controladas	Estudos de caso e observação participativa
Consenso	Importância do estudo profundo do indivíduo	Necessidade de uma abordagem científica rigorosa	Valorização da relação terapêutica e do crescimento pessoal
Controvérsias	Subjetividade vs. objetividade; foco no inconsciente	Rejeição de explicações subjetivas; foco no comportamento observável	Integração de objetividade e subjetividade; foco na experiência pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar uma introdução teórica-epistemológica sobre a Psicologia. Nessa direção, sabendo que o estudo dessa ciência desafia limitações e potencialidades, logrou-se, dentro de uma perspectiva interdisciplinar integradora, uma análise introdutória sobre Psicanálise, Behaviorismo e Humanismo.

Ante isso, tornou-se significativo o objetivo, o problema e o método de cada corrente, bem como sua construção teórica prática e diversidade autoral. Desencontros e encontros analisados conforme a riqueza da psicologia humana. Daí a Psicanálise amparar-se no inconsciente, o behaviorismo no comportamento objetivo, e o humanismo na experiência pessoal subjetiva.

Contudo, no centro de cada abordagem, está, sobretudo, a complexidade humana, sua diversidade de valores, de culturas e de ações, abrindo espaço para diversas interpretações, análises e reflexões na formação em Psicologia. A psicologia é uma disciplina fascinante e essencial para compreender o comportamento humano, as emoções, os processos mentais e as interações sociais.

Ao longo de sua história, ela evoluiu para se tornar uma ciência ampla, incorporando abordagens diversas que incluem desde as neurociências até a psicologia social, educacional e clínica. O estudo da psicologia não apenas contribui para a melhoria da saúde mental, mas também impacta áreas como a educação, o trabalho, a política, a cultura e o bem-estar social. A psicologia busca fornecer ferramentas para promover o autoconhecimento, o desenvolvimento pessoal e a resolução de conflitos internos e externos, proporcionando qualidade de vida aos indivíduos e comunidades.

Além disso, ela reforça a importância da empatia, da escuta ativa e da compreensão das diversas realidades humanas. Ao integrar essas abordagens em diversas práticas cotidianas, a psicologia tem o poder de transformar positivamente a vida das pessoas, ajudando-as a lidar com desafios e a otimizar suas habilidades e relações interpessoais.

Sendo assim, a psicanálise, o behaviorismo e o humanismo são três das principais correntes teóricas dentro da psicologia. Cada uma delas oferece uma visão distinta do comportamento humano e dos processos mentais, e todas elas contribuíram significativamente para o desenvolvimento da psicologia moderna.

A psicanálise foi fundada por Sigmund Freud no final do século XIX e início do século XX. Ela enfoca o papel do inconsciente na formação da personalidade, dos desejos, dos medos e dos conflitos internos. A psicanálise acredita que os comportamentos humanos são muitas vezes motivados por processos inconscientes que se originam em experiências infantis. Freud desenvolveu métodos terapêuticos, como a associação livre e a análise dos sonhos, para explorar esses aspectos inconscientes e ajudar os pacientes a resolver conflitos internos. A psicanálise teve um impacto profundo na psicologia, na cultura e na medicina.

O behaviorismo, por sua vez, emergiu no início do século XX, é uma abordagem centrada no estudo dos comportamentos observáveis, rejeitando a análise de processos mentais internos que não podem ser observados diretamente. O behaviorismo, influenciado por figuras como John B. Watson e B.F. Skinner, acredita que o comportamento humano é condicionado por fatores ambientais e reforços. De acordo com o behaviorismo, o comportamento pode ser moldado e modificado por meio de recompensas e punições, e é possível treinar indivíduos para adotar comportamentos desejados. O foco do behaviorismo é em técnicas práticas de modificação de comportamento, que são amplamente aplicadas em terapias e na educação.

Surgindo entre as décadas de 1940 e 1950, o humanismo foi uma reação ao determinismo do behaviorismo e ao foco no inconsciente da psicanálise. Destacamos Carl Rogers como um dos principais expoentes dessa abordagem. O humanismo coloca o ser humano no centro da experiência psicológica, defendendo a ideia de que as pessoas têm

potencial para alcançar o autoconhecimento e a autorrealização. A ênfase do humanismo está no conceito de livre-arbítrio, crescimento pessoal e bem-estar, com um foco especial na autoestima, nas necessidades básicas (como a famosa pirâmide de Maslow) e na importância de relacionamentos genuínos e empáticos para o desenvolvimento do indivíduo. A terapia humanista, particularmente a terapia centrada na pessoa, de Carl Rogers, é voltada para ajudar os indivíduos a alcançar seu potencial máximo.

Essas três correntes teóricas — psicanálise, behaviorismo e humanismo — representaram abordagens distintas dentro da psicologia, e cada uma delas trouxe importantes contribuições para a compreensão do comportamento humano.

Sendo assim, essas escolas de pensamento continuam a influenciar a prática clínica, a educação, o aconselhamento e outras áreas da psicologia, pois, independente da abordagem, a psicologia continua essencial para o crescimento individual e coletivo, desempenhando um papel fundamental na promoção da saúde mental, na melhoria das relações sociais e no bem-estar global.

REFERÊNCIAS

CARL, R. R.; SKINNER, B. F. *Some Issues Concerning the Control of Human Behavior* Science, New Series, Vol. 124, No. 3231. (Nov. 30, 1956), pp. 1057-1066.

DOGAN, Mattei. Fragmentação das Ciências Sociais e recombinação de especialidades em torno da sociologia. In: *Sociedade e Estado*. Volume XI, Número 1 Janeiro – Junho de 1996. Brasília: UnB, 1986, 89-116pp.

LEFF, E. Sobre a articulação das ciências na relação natureza-sociedade. In: *Epistemologia Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001. 21-60pp

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados* – 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

POPPER, K. R. Ciência: conjecturas e refutações. In: *Conjecturas e refutações*. Brasília: EdUnB, 2008.

ROGERS, Carl, R. (1902-1987). *Tornar-se pessoa* – 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico* – 23. ed. – São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SKINNER, Burrhus Frederic (1904-1990). *Ciência e comportamento humano*. 11ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003. 3-41pp

FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. *Além do Princípio do Prazer*, 1920. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. *A interpretação dos sonhos*, 1900. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. *Repressão*. 1915a. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. *O Inconsciente*. 1915b. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. *Os Instintos e Suas Vicissitudes*. 1915c. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. *O mal estar na civilização*, 1930. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.